### UNIVERSIDADE DE COIMBRA FACULDADE DE LETRAS

## FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

16

INSCRIÇÕES 69-73



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA COIMBRA 1986 FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas da Península Ibérica.

Solicita-se a colaboração de todos quantos tiverem directo conhecimento de achados.

Este fascículo estabelece as normas de apresentação dos textos, embora se admita e aceite uma certa flexibilidade.

O comentário onomástico deve ser breve e pode mesmo omitir-se. Pretende-se, todavia, uma descrição correcta da peça, uma indicação das condições do achado, uma leitura e comentário paleográfico, bem como indicação do paradeiro actual.

O FICHEIRO EPIGRÁFICO publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos.

As inscrições são numeradas de forma contínua ao longo dos vários fascículos, de modo a facilitar a preparação de índices, que serão publicados no termo de cada série de dez fascículos.

FICHEIRO EPIGRÁFICO is a supplement of CONIMBRIGA whose objective is to make available previously unpublished Roman inscriptions of the Iberian Peninsula. Contributions from all finders are welcome; this issue sets the desired pattern of such contributions, allowing for a certain flexibility.

The onomastic and historic notes must, however, be very short. They can even been ommitted, in which case the note in question will consist merely of a description of the object, of the conditions of its discovery, of a reading and paleographic commentary, and reference to present location.

FICHEIRO EPIGRÁFICO will be published in 16 page issues, of varying periodicity according to frequency of received notes.

The inscriptions will be numbered, the numbering being continuous along the issues, so as to facilitate the preparation of indexes, which will be published at the end of each group of ten issues.

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

All contributions should be sent to the editors:

José d'ENCARNAÇÃO
Instituto de Arqueologia — R. de Sub-Ripas, P-3000 COIMBRA
Maria Manuela Alves DIAS

Av. Madrid, 24, 2.º dt.º, P-1000 LISBOA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio do CONSELHO DIRECTIVO DA FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA

## FICHEIRO EPIGRÁFICO

## Suplemento de Conimbriga ISSN 0870-2004

Editor: José d'Encarnação

Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra Rua de Sub-Ripas, P-3000-395 Coimbra

FICHEIRO EPIGRÁFICO, Edición electrónica.

Proyecto y realización, Joaquín Gómez-Pantoja Digitalización y traducción de PDF, Mariano Rodríguez Ceballos Índices: Joaquín Gómez-Pantoja, José Vidal Madruga y José d'Encarnação.

Este trabajo ha sido financiado por el proyecto "VBI ERAT LVPA" (2002-0462/001-001CLT CA22) de la Comisión Europea.





### ÁRULA VOTIVA DE PASSOS

(Conventus Scallabitanus)

**Гото** 69

Árula votiva, em granito, encontrada, em Dezembro de 1985, na parede de uma casa, pertencente a Adrião Silva, na aldeia de Passos, freguesia e concelho de Mangualde. Foi oferecida pelo seu proprietário à Associação Cultural Azurara da Beira, de Mangualde.

Trabalhada nas quatro faces, está bastante bem conservada, dado que, para além da danificação total do toro direito, apenas há a registar algumas escoriações nas arestas do capitel e da base e no canto inferior direito do campo epigráfico. Capitel (8 cm de altura) com molduração de tipo cordão.

Sobre a cornija, o fóculo — saliente, circular (5,5 cm diâmetro exterior/3 cm diâmetro interior) e côncavo — tem lateralmente dois toros arredondados (5 cm de diâmetro); à frente e atrás, dois pequenos frontões. A inscrição ocupa a face dianteira do fuste, que é polida. A base (8 cm altura), com molduração igual à do capitel, parece ter uma espécie de espigão rectangular (para encaixar num suporte?).

Dimensões: 
$$32,5 \times 15,5 \times 12,5 \times 17,5 \times 14,5$$

Campo epigráfico:  $16,5 \times 15,5$ .

I(ovi) O(ptimo) M(aximo) / S(acrum). S[...?]. / A[...?] A(nimo) L(ibens) P(osuit)

Consagrado a Júpiter Óptimo Máximo. S.(?) A.(?) colocou de livre vontade.

Altura das letras: l. 1 e 2: 3,5/4; l. 3: 3,5/4,5. Espaços 1 e 2: 0,5; 3: 1,5/2; 4: 2/2,5.

Verifica-se uma tendência para ordenar o texto segundo um eixo de simetria, o que não foi totalmente conseguido, porque, se há um alinhamento quase perfeito à esquerda, o mesmo já não acontece no lado direito, por exemplo na l. 2. Caracteres actuários gravados em bisel. A pontuação (pontos redondos) não existe sempre onde era necessária (note-se que todas as palavras são representadas por siglas): apenas foi posta na linha 2 e mais por motivos estéticos. As siglas da l. 1 e 3 encontram-se bem marcadas, ao contrário das da l. 2. A l. 1 foi gravada com cuidado como que querendo pôr em destaque o teónimo. O S da l. 2 é mais pequeno que o segundo e está um pouco acima da imaginária linha da pauta. Na l. 3, a haste direita do primeiro A está ligeiramente curvada para dentro; L com a haste horizontal inclinada para abaixo; perna inferior do P terminando por um pequeno v invertido.

Estamos perante mais um monumento dedicado a Júpiter Óptimo Máximo, do qual existem muitos exemplos no nosso País (¹), destinado certamente a ser colocado num templo. O dedicante apenas se faz identificar pelas siglas S. A. Do ponto de vista da lógica textual, seria mais correcto que a sigla S(acrum) aparecesse por extenso e que o nome do dedicante ocupasse apenas a l. 3.

Luís Filipe C. Gomes

<sup>(</sup>¹) Há mesmo um outro testemunho do seu culto no concelho de Mangualde, freguesia de Quintela de Azurara. Trata-se de mais uma árula, ainda inédita, que se guarda no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, de Lisboa (Inv. n.º 16 366). Lê-se IOVI / OP(timo) M(aximo) nas duas primeiras linhas, não estando bem nítido o nome do dedicante (l. 3); a l. 4 contém a fórmula final.



**Гото** 69

### ÁRULA VOTIVA DE AGUADA DE CIMA

**Гото** 70

Árula votiva, em arenito do triássico, que foi retirada, há cerca de setenta anos, da parede de um poço sito em terrenos de Arnaldo de Castro, na freguesia de Aguada de Cima, concelho de Águeda. A epígrafe está actualmente na posse de Arnaldo de Castro, morador em Aguada de Cima (¹).

Apesar da reutilização, a árula apenas foi desbastada no capitel e na base, cujas formas iniciais, por isso, dificilmente se reconstituirão. A inscrição ocupa a face dianteira do fuste: os efeitos da erosão dificultam, aqui e além, a leitura.

23 14

Dimensões:  $36,3 \times 21 \times 12$ 

23 14

Campo epigráfico:  $22 \times 21$ .

 $\overline{\text{CVSEI}} \text{ . PAETA/[I?]}\overline{\text{CO}} \text{ BOVTIVS / TVRAIANI[?] } \textit{(filius) / A(nimo) L(ibens) P(osuit)}.$ 

A Cuso Petaico. Búcio, filho de Turaino (?), colocou de boa vontade.

<sup>(</sup>¹) Este monumento aparece referido em Francisco Dias Ladeira, Município de Agueda, Águeda, I, 1982, p. 182. O P.º Nogueira Gonçalves apresentou uma fotografia no Inventário Artístico da Zona-Sul do Distrito de Aveiro, Lisboa, 1959, estampa XLII. Nunca, porém, foi feito o seu estudo epigráfico.

Altura das letras: 1. 1: 3/3,5; 1. 2: 3,5/4,2; 1. 3: 3,2/3,5; 1. 4: 3,7/4,2. Espacos: 1: 1: 2 e 3: 1,3; 4: 1,4; 5: 3,1.

Paginação com tendência para seguir um eixo de simetria, não totalmente conseguida. Pontuação usada irregularmente. Caracteres actuários, esguios, levemente inclinados para diante. Recurso às letras inclusas e aos nexos para melhor aproveitamento do espaço. C e O redondos e bem gravados; S simétrico; A de barras quase imperceptíveis.

Afigura-se-nos aceitável interpretar como V o sinal, que mais parece hedera, incluso no c inicial; temos já mais dúvidas quanto à existência de um I no começo da l. 2, embora ele seja habitual neste tipo de sufixo (-aicus). A maior incerteza de leitura, reside, porém, na l. 4, no patronímico: o V está bastante assimétrico; o R não é nítido; o nexo AI pode ser, afinal, apenas um A; o I final também se encontra pouco visível. Acresce a isso que, na Península Ibérica, apenas se regista de semelhante o genitivo Turai (ILER 2231 e 6273), os cognomes Turainus (ILER 2567) e Turancicus (ILER 5492) e o antropónimo indígena Turantius (ILER 3614).

Boutius é, ao invés, bastante atestado na área lusitana (cf. ILER p. 670).

A árula está dedicada à divindade indígena *Cosus*, que aparece aqui na variante com *u* e apresenta a desinência do dativo alongado céltico -ei. O epíteto *Paetaico* deverá estar relacionado com o topónimo ou a gentilidade que o deus particularmente tutelava (²): uma eventual ligação aos *Paesuri*, não seria, decerto, despicienda (³).

Pela terminação em -ei do teónimo, pela forma como o dedicante se identifica e pela paleografia, é monumento datável do séc. 1.

#### Paula Carvalho

<sup>(2)</sup> Sobre o carácter tutelar de Cosus e os vários epítetos por que foi conhecido, ver: José d'Encarnação, Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal, Lisboa, 1975, p. 164-169.

<sup>(3)</sup> Sobre a localização dos *Paesuri*, cf., por exemplo, António Tovar, *Iberische Landeskunde*, 2, Baden-Baden, 1976, p. 257, e Jorge Alarcão, *Portugal Romano*, Lisboa, 31983, p. 106.



**Гото** 70

## ÁRULA VOTIVA DE VENDAS DE CAVERNÃES

**Гото** 71

Árula em granito de grão fino, apareceu numa vinha, propriedade do Sr. Manuel F. Costa Melo, situada no lugar de Vendas de Cavernães (outrora, Vendas da Moita), freguesia de Cavernães, concelho de Viseu, há cerca de vinte e oito anos. Encontra-se actualmente na posse do proprietário, em Vendas de Cavernães.

O capitel, danificado na parte da frente, apresenta toros e frontão, que enquadram um fóculo circular. Moldura de listel e dois filetes. A inscrição ocupa o fuste, de arestas levemente desgastadas, nomeadamente ao nível da l. 2, dificultando a leitura.

A moldura da base é constituída por dois filetes e soco, está quebrada do lado direito.

Dimensões:  $28 \times 11.5 \times 9.5$   $14 \times 11.5$ Campo epigráfico:  $10.5 \times 11.5$ 

LVRVNI / SAC(rum) .  $\overrightarrow{VAL}(eria)$  [?] / CATTIA / A(nimo) . L(ibens) . V(otum) . S(olvit)

Consagrado a Lurúnio. Valéria Cátia cumpriu de bom grado o seu voto.

Altura das letras: 2-2,2. Espaços: 1: 0; 2: 0,6; 3: 0,6-1,1; 4: 0,4-0,7; 5: 0,4-0,8.

Ficheiro Epigráfico, 16, 1986

Paginação bastante cuidada com puncti distinguentes triangulares; tendência para seguir um eixo de simetria, não totalmente

conseguida.

A única dificuldade de leitura reside na l. 2. Pensámos que seria lícito esperar aí somente a palavra sacrum, porque a identificação da dedicante se faria, à maneira indígena, na l. 3, mediante um único nome, Cattia. Torna-se evidente, porém, que não havia espaço para as três letras que faltam, RVM, e, por outro lado, parece-nos nítido o ponto triangular após o C. Desta sorte, afigura-se-nos bastante plausível admitir o nexo VAL, considerando a barra do L desaparecida com o desgaste da aresta.

É a quarta árula que nos surge em Vendas de Cavernães, dedicada a *Lurunis* (¹), o que vem confirmar a hipótese de aí se localizar um santuário a esta divindade indígena, de características

ainda desconhecidas.

Valeria é gentilício comum na Península, mas Cattia ainda não se documentou, ao que nos parece, com esta grafia. Relacionável, decerto, com o cognome latino Cattus, Catta ou mesmo com Cattio, será possivelmente um hipocorístico indígena.

Considerando a paleografia, nomeadamente as pequenas hastes a decorar as letras, julgamos poder datar esta inscrição do séc. 11 d.C.

Ana Isabel de Sá Ferreira

<sup>(</sup>¹) Sobre as outras inscrições de Cavernães ver: ILER 872-874; ENCARNAÇÃO (José d'), Divindades Indigenas sob o Domínio Romano em Portugal, Lisboa, 1975, p. 226-230 (com bibliografia anterior); Vaz, João L. Inês, Uma Inscrição Romana de Cavernães, «Boletim dos Amigos do Museu Grão-Vasco», n.º 4, 1985, Viseu, p. 4.



Fото 71

## INSCRIÇÃO RUPESTRE DE PENELA DA BEIRA

**Гото** 72

Sobre a face virada a norte de um afloramento granítico parcialmente reentrante num pequeno palheiro que existe no sítio da Mercadora (que se integra numa zona mais vasta designada por Britelo), freguesia de Penela da Beira e concelho de Penedono, foi gravada esta inscrição — que deve corresponder a um marco de propriedade (¹). A superfície epigrafada — sensivelmente trapezoidal e com cerca de  $62/40 \times 150$  — não teve qualquer preparação prévia, motivo por que os caracteres foram gravados de forma bastante irregular, embora profunda (cerca de 2 cm). Nos terrenos circundantes, dispersos e à superfície, encontram-se fragmentos de cerâmica comum.

São possíveis duas interpretações:

- a)—VIS $\overline{\text{ANCORV}}(m)$  / CAM $\overline{\text{ALI}}$  / (et) CONCILI
- b) VISANCORV(m) / CAMALI / CONCILI (filii)

Dos Visancos, Camalo (e) Concílio. Ou: de Camalo, (filho) de Concílio, dos Visancos.

<sup>(</sup>¹) Já referimos antes esta inscrição, num trabalho dactilografado para a cadeira de «Técnicas de Investigação Arqueológica», que está depositado no Instituto de Arqueológica da Faculdade de Letras de Coimbra: Subsidios para o Levantamento Arqueológico do Concelho de Penedono, Coimbra, 1985. Anteriormente, também já havia sido citada por M. Gonçalves da Costa, História do Bispado e Cidade de Lamego, vol. II, Lamego, 1979, p. 279, que leu Vencorum Camali Comili.

Agradecemos a F. Patrício Curado todo o incentivo e apoio que amavelmente nos deu para a elaboração deste trabalho.

Altura das letras: 1. 1: 22/40 (aumentando para a direita); 1. 2: 18/13 (diminuindo para a direita); 1. 3: 18/24/20 (mais altas ao centro). Espaços (irregulares): 1: 6 entre V e C, 1 entre O e I; 2: 2 entre os CC e 6 entre os II.

A dificuldade da gravação, não só devida à irregularidade da superfície mas também pela inexistência de linhas auxiliares, deu lugar à feitura de caracteres tão pouco uniformes; a grande dimensão das duas últimas letras da l. 1 deve-se principalmente ao maior declive ali existente. Os OO são nitidamente circulares; o M é pouco aberto, com hastes laterais quase perpendiculares; utilizaram-se os nexos AN na l. 1 e AL na l. 2. O genitivo plural em -u(m) não é invulgar (²).

Estamos em presença de mais uma gentilidade, a dos Visanci, à qual pertenceriam os indivíduos nomeados (ou apenas um, se se aceitar a segunda interpretação que propomos, todavia menos provável). Embora, à primeira vista, fosse tentadora, não existe qualquer hipótese de relacionação com a gentilidade dos Visaligi (dos Zoelas transmontanos). E, a propósito dos Visanci, será interessante recordar que, a não grande distância—numa outra linha de alturas a ocidente, em Paredes da Beira—poderá ter existido uma outra gentilidade (a dos Ambroeci), como parece depreender-se da inscrição gravada do dorso de um «berrão» ali encontrado (3).

Se Camalus é antropónimo indígena vulgar, já o mesmo não poderá dizer-se de Concilius: este, como derivado de concilium, é incluído entre os cognomina latinos (4); talvez possa também relacionar-se com Cocilicius, de Santiago do Cacém (CIL II 26 = IRCP 154), ou pensar-se num derivado de Cilius/Cilia, neste caso como um nome composto.

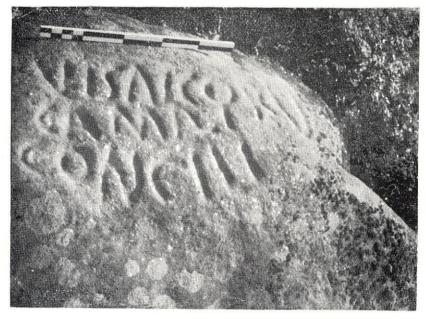
Pela paleografia, esta inscrição poderá ser do séc. II.

#### Maria Margarida Donas Botto

<sup>(2)</sup> Maria de Lourdes Albertos Firmat, Organizaciones Suprafamiliares en la Hispania Antigua, «Studia Archeologica» 37, Valladolid, 1975.

<sup>(3)</sup> Não conhecemos qualquer outra interpretação para esta inscrição onde pensamos poder ler AMBROECON (= dos *Ambroeci*), com genitivo plural em -on: vide Agostinho Campos Ferreira e Maria Clara Figueiredo C. Ferreira, O «Porco de Pedra» de Paredes da Beira, «Trabalhos de Antropologia e Etnologia» 23 (2,3), Porto, 1978, p. 340/345.

<sup>(4)</sup> Iiro Kajanto, The Latin Cognomina, Roma 19822, p. 117 e 363.



**F**ото 72

# INSCRIÇÃO FUNERÁRIA DE SÃO BENTO DO CORTIÇO (ESTREMOZ)

**Гото** 73

Em data incerta, mas seguramente num dos três primeiros anos da década de 70, foi encontrada na herdade dos Teixeiros, na freguesia de São Bento do Cortiço, concelho de Estremoz, uma pequena placa de mármore, moldurada, muito deteriorada, a que falta um pedaço (o que, no entanto, não afecta a leitura da inscrição nela gravada) e que, por vontade do seu achador, o antigo presidente da Câmara Municipal de Estremoz, Guilherme de Sousa Maldonado, se destina à colecção epigráfica do Museu de Estremoz. Guilherme de Sousa Maldonado, a quem a arqueologia do concelho de Estremoz muito deve, teve a gentileza de nos emprestar esta inscrição para estudo.

Trata-se de um grande fragmento de uma pequena placa funerária, de formato quadrangular, que apresenta uma moldura de 6,5 de largura, em curva e contracurva, a qual delimita interiormente o campo epigráfico rebaixado. A inscrição, que conserva seis linhas de texto, está alinhada à esquerda; as l. 4 e 5 começam ligeiramente mais à direita que as anteriores, a l. 6 retoma o alinhamento das duas primeiras.

Dimensões:  $38,5 \times 41 \times 7$ . Campo epigráfico:  $28 \times 30$ .

 $\begin{array}{c} \text{MANI[A] / MANI . } \text{F}(ilia) / \text{CAMIRA / FILIAE . IVLIAE /} \\ ^5 \text{MAVRAE } \text{ANN}(orum) / \text{X.X.X} & (triginta) . \text{H}(ic) . \text{S}(ita) . \text{E}(st) . \\ \text{[S}(it) \text{T}(ibi)] \text{T}(erra) \text{ [L}(evis)]} \end{array}$ 

Altura das letras: l. 1: 3,7; l. 2: 3,5; l. 3: 3,1; l. 4: 2,6; l. 5: 2,2; l. 6: 2. Espaços interlineares: 1/1,3.

Esta inscrição levanta o problema de, na l. 2, a última letra ser claramente um E que J. d'Encarnação (IRCP, p. 541) admite «ter sido gravada por lapso em vez do F», mas que, a não ter sido assim, abre outras interpretações possíveis como: Mani[us] / Mani e[t] / Camira / ......

O antropónimo Camira apresenta uma distribuição geográfica muito bem caracterizada, concentrando-se, quase exclusivamente, na Beira Baixa e na Estremadura Espanhola, ocupando aí o centro da «Via de la Plata» (cf. J. Untermann, Elementos de un atlas antroponimico de la Hispánia antigua, Madrid, 1975, p. 87), e era, até há pouco, desconhecido no Conventus Pacensis, tendo sido recentemente noticiado numa inscrição do Crato («Ficheiro Epigráfico», 2, Coimbra, 1982, p. 13-15, n.º 9).

#### MARIA MANUELA ALVES DIAS



**Гото** 73